

## Gladiadores romanos: Alguns aspectos dos espetáculos na arena nos primórdios do Principado\*

### Roman Gladiators: Some aspects of the shows in the arena in the early Principate

Renata Senna Garraffoni\*\*

#### Resumo

Este artigo consiste em uma reflexão inicial acerca do papel das lutas de gladiadores romanos e da participação das pessoas de diferentes camadas sociais em tais espetáculos. A partir de uma discussão do trabalho de Ellen Meiksins Wood sobre o “mito da plebe desocupada” na Grécia, procuramos discutir como alguns classicistas têm tratado a questão no mundo romano e a possibilidade de trilhar caminhos alternativos para o estudo das lutas, eventos de grande popularidade no cotidiano do Império.

**Palavras Chave:** Império Romano, luta de gladiadores, cultura popular, historiografia Clássica.

#### Abstract

This article discusses the gladiators' fights and the participation of people from different social classes in these shows. Considering the work by Ellen Meiksins Wood about “the myth of idle mob” in Greece, it discusses how some scholars have been studying this subject on the Roman world. It also tries to explore some other ways to understand the fights, as shows that fascinated the Romans and had great popularity on the Empire's daily life.

**Key words:** Roman Empire, gladiators' fights, popular culture, Classical History.

#### Introdução

Ellen Meiksins Wood publicou, em 1988, “Peasant, citizen & slave” – the foundation of Athenian democracy, (Camponês, cidadão e escravo – a fundação da democracia ateniense), obra na qual discute a presença e atuação de camponeses, artesãos e escravos na sociedade ateniense em sua época democrática (WOOD, 1988).

Logo nas páginas iniciais da apresentação do livro, Wood deixa claro qual é o seu principal objetivo: discutir e desconstruir uma idéia fortemente arraigada no senso comum na qual somente os escravos trabalhavam na Grécia Antiga, enquanto que o restante dos cidadãos se ocupavam em pensar. A partir desta proposta singular, repensar esta idéia significa discutir como o discurso historiográfico acerca da Antigüidade vem sendo construído ao longo

\* Artigo apresentado no IV Congresso Nacional da SBEC (Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos),

\*\*Doutoranda em História IFCH/Unicamp, Bolsista Fapesp, e-mail: resenna@lycos.com. Este texto foi apresentado, originalmente, no IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos da SBEC em agosto de 2001, aborda as primeiras reflexões que vem sendo desenvolvidas em minha tese doutorado.

dos últimos séculos e considerar como ponto central que o historiador, ao escrever, expressa sua percepção de mundo e marca sua postura política.

Neste sentido, é sintomático que o primeiro capítulo, parte da obra que nos deteremos neste artigo, chama-se *The myth of the Idle Mob*, ou em português *O mito da plebe desocupada*. Neste capítulo, Wood retorna aos séculos XVIII e XIX e, a partir de escritos de Montesquieu e Hegel, apresenta para o leitor a origem do que denomina “o mito da plebe desocupada”. De acordo com a autora, o fato de ambos serem filósofos e estarem preocupados em criticar a democracia de seu tempo, ao se referirem aos gregos clássicos o fazem de maneira mais genérica e não consideram os detalhes. Desta forma, ao estabelecerem seus parâmetros para criticar a democracia que estava surgindo e se consolidando desde a Revolução Francesa, tanto Montesquieu como Hegel superestimaram o papel dos escravos na Antigüidade e criaram a semente para os pressupostos teóricos que se desenvolveriam posteriormente, isto é, a idéia de que a democracia só foi possível graças a escravidão.

## 1. Democracia e escravidão

Este debate intelectual sobre a democracia não se restringiu ao continente europeu. Wood menciona alguns ingleses que tiveram um importante papel na construção deste mito. Mitford, Gillies, Grote, historiadores ingleses, de uma forma mais contundente ou não, a partir de suas discussões a favor ou contra a democracia também recorreram aos gregos para organizarem seus argumentos. Nestas discussões um novo elemento entra em destaque a partir da interpretação de Mitford: a preocupação deste intelectual não versava sobre os gregos de origem nobre que tinham escravos a seu serviço, mas sim sobre os pobres que trabalhavam parte de seu tempo para completar a ajuda que recebiam dos fundos públicos. Estas pessoas, por terem que trabalhar, não estariam, portanto, aptas para a vida pública.

Wood (1988) chama a atenção para este argumento de Mitford, pois acredita que ele expressa sua preo-

cupação em deixar a multidão participar da política. Neste sentido, privilegia-se o fato da escravidão prover a democracia, uma vez que ela permitia que os bons cidadãos tivessem acesso à política e impedisse a multidão desocupada em participar da vida pública. Este argumento teve uma forte presença no século XIX e foi o ponto central em muitos debates acadêmicos e, posteriormente, Burckhardt e Fustel de Coulanges reforçam-no com a interpretação na qual os gregos sentiam desprezo pelo trabalho.

De acordo com a autora, em todos estes argumentos as evidências históricas são apagadas e, paradoxalmente, o mito que surgira a partir de uma reação conservadora e antidemocrática, acabou sendo a base para o chamado “modo de produção escravista”, idéia presente em Engels na qual a escravidão impediu o desenvolvimento tecnológico na Antigüidade. Muito embora tenha uma outra conotação dentro do marxismo, o fato da degradação do trabalho é perceptível entre as interpretações dos intelectuais que seguiriam esta corrente historiográfica.

## 2. Novas luzes no debate a partir da Plebe Desocupada e x os Gladiadores Romanos

A interpretação de Wood (1988), apresentada aqui de maneira bem resumida, é de grande valor para o estudioso do mundo antigo por dois motivos. Em primeiro lugar, a historiadora realiza uma desconstrução de diversos conceitos muito difundidos entre os pesquisadores do mundo grego, entre eles o fato da “plebe desocupada” ter sido a causa maior do fim da democracia. Em segundo lugar, ao mesmo tempo que critica a origem deste mito, apresenta a idéia de que os discursos historiográficos acerca da Antigüidade foram construídos a partir do momento presente em que vivia o intelectual, expressando, assim, sua postura política. O fato do mito ainda persistir no século XX é um forte motivo para que seja questionado e revisto com o intuito de produzir novas interpretações sobre o passado e não simplesmente a repetição destes valores.

Neste contexto, os argumentos de Wood (1988) fornecem luzes para repensarmos alguns aspectos do mundo romano. Em nosso objeto de estudo em específico, isto é, a luta de gladiadores, o conceito de “plebe desocupada”, aliado a idéia de pobreza e a crueldade dos pagãos, aparece como elemento central nas análises sobre os espetáculos romanos consagrando aquilo que se convencionou chamar de política do Pão e do Circo. Em linhas gerais, esta “política” consistia em uma estratégia da elite para controlar as camadas populares: distribuíam-se alimentos e organizavam-se espetáculos para manter a população ocupada, evitar a criminalidade e manter a ordem.

Esta maneira de interpretar as camadas populares romanas é muito comum entre os intelectuais do século XX. Nas décadas de 1940/50, por exemplo, Carcopino (1990) ao escrever *Roma no apogeu do Império* desenvolve seus argumentos a partir de uma documentação que enfatiza o modo de vida da elite (CARCOPINO, 1990). O cotidiano romano é construído com base em uma clara oposição binária, pois sempre há de um lado a beleza exuberante da *Urbs*, seus amplos edifícios públicos e as enormes *domus* em contraposição às ruas tortas e pouco iluminadas nas quais se localizavam as *insulae*, isto é, abrigos verticais onde vivia a população mais humilde.

Embora mencione as camadas populares com bastante frequência, o quadro que desenha é desfavorável; fala sempre em sujeira, incêndios, roubos, falta tanto segurança, principalmente à noite, e de higiene entre as habitações. Esta situação, segundo Carcopino, era extremamente incômoda para a elite romana, pois favorecia a organização de revoltas. De acordo com suas próprias palavras:

Um povo que boceja está maduro para a revolta. Os césares romanos não deixaram a plebe bocejar, nem de fome nem de tédio. Os espetáculos foram a grande diversão para a ociosidade dos súditos e, por conseguinte, o instrumento seguro de seu absolutismo. (CARCOPINO, 1990, p.248).

Neste sentido, os espetáculos em geral e as lutas de gladiadores em específico ao lado da distribuição de alimentos teriam um papel bem definido, o de manter a população romana ocupada e satisfeita evitando, assim, a possibilidade de qualquer tipo de conflito. A partir desta afirmação, percebemos que o cotidiano traçado por Carcopino também reforça a representação dos romanos como pessoas sem atividades, marginalizadas e apreciadora de divertimentos exóticos como os espetáculos sangrentos que ocorriam nas arenas. Este quadro caótico só viria a melhorar no final do Império com a chegada do cristianismo, religião que salvaria o povo desta vida profana, nefasta e violenta<sup>1</sup>.

Outro autor paradigmático deste ponto de vista é Pierre Grimal. Na obra *A vida em Roma na Antigüidade*, Grimal, ao estudar as camadas populares, também se aproxima desta linha de pensamento (GRIMAL, 1981). É bem verdade que sua obra não é específica sobre o Império Romano: seu estudo é uma grande síntese da História de Roma, inicia na época de sua fundação e se estende até o declínio do Império enfatizando a expansão e as conquistas militares. A estratégia de análise que adota está ligada à supremacia das táticas de guerra, pois percebe-se, em seu argumento, que as mudanças culturais estão vinculadas ao contato com outros povos. Assim, a partir da conquista, os romanos adquirem experiências novas e transformam os povos bárbaros, civilizando-os<sup>2</sup>.

Ao traçar a História de Roma tendo como ponto de partida a organização militar, Grimal (1981) in-

<sup>1</sup> De acordo com suas próprias palavras: [...] a cristandade romana apagou o crime de lesa humanidade com que os césares do paganismo haviam maculado o Império em seus anfiteatros. (CARCOPINO, 1990, p. 290).

<sup>2</sup> Logo na introdução Grimal afirma esta postura. De acordo com suas próprias palavras: “a riqueza de um povo, a importância do seu comércio, a intensidade de suas trocas, o valor de sua moeda tem uma manifesta influência sobre seu modo de vida – contudo, tudo isso é comandado, por seu turno, pela expansão do seu império, pelas lutas que tem de travar com seus rivais, pela própria estrutura da sociedade.” (GRIMAL, 1981, p.12).

corpora os valores da elite como se fossem naturais, encontrando poucos elementos para tratar as camadas populares, uma vez que estes quase não aparecem em suas fontes. O interessante aqui é que quando o historiador menciona o assunto, desenvolve um argumento muito semelhante ao de Carcopino (1990), ou seja, os pobres, bandidos, salteadores, escravos, enfim, os marginalizados, estão todos aglomerados sobre o rótulo de povo e aparecem relacionados: os bandidos que cometiam crimes brutais eram condenados à arena e lutavam como gladiadores para divertir a população que, em geral, vivia desocupada e adorava tais espetáculos sangrentos.

A partir desta afirmação percebemos, portanto, a presença da idéia na qual a população romana aparece como uma massa amorfa, homogênea e sem vontade própria, comandada indistintamente pela elite detentora de recursos para diverti-la e alimentá-la. Tal conceito, no entanto, não é encontrado somente em trabalhos mais antigos. Publicações recentes como o artigo de Veyne “O Império Romano” escrito para a coleção História da Vida Privada é um bom exemplo disto (VEYNE, 1990).

Neste artigo, Veyne trata, exclusivamente, da elite romana e estabelece a riqueza como critério e ponto de partida para sua análise. O interessante neste trabalho é que o historiador escreve um longo texto sobre os romanos e raras vezes menciona as camadas populares. Os pobres, libertos e escravos, quando aparecem, são descritos como sujeitos que precisavam ser constantemente vigiados e uma boa maneira de mantê-los sob controle seria por meio do trabalho. Trabalhar, nesta interpretação, significa, simplesmente, um meio para manter as pessoas ocupadas e não perturbar criminosamente as instituições. Neste sentido, os espetáculos na arena viriam completar esta estratégia de controle; serviam para preencher os momentos de lazer, evitando qualquer tipo de conflito que pudesse perturbar a ordem estabelecida.

Esta estratégia de controle, denominada por Veyne de evergetismo<sup>3</sup> e desenvolvida mais detalhadamente em seu livro *Le Pain et le cirque*, é a base de sua argumentação. Veyne estabelece uma análise da sociedade romana na qual tudo possui um lugar e função determinada: assim, os jogos serviam para manter a população ocupada e ao mesmo tempo fornecia status a quem os proporcionou (VEYNE, 1976).

Embora este artigo de Veyne seja bem mais recente que os trabalhos de Grimal e Carcopino, foi somado aos dois primeiros para destacar uma postura muito enraizada nos estudos sobre o mundo romano: muitos especialistas em Antigüidade Clássica preocupam-se somente em pesquisar temas relacionados aos costumes e tradições da elite aristocrática romana, relegando as camadas populares a um segundo plano. Esta postura assumida pelos eruditos acabou por gerar uma série de trabalhos que constituíram um discurso conservador, rapidamente incorporado pelo público em geral. Como era raro encontrar historiadores dispostos a discutir questões ligadas à população de origem humilde, os que ousaram, como fica claro nestes exemplos, aproximaram-se do cotidiano dos romanos com idéias e concepções previamente estabelecidas, criando interpretações nem sempre favoráveis. Aos poucos cristalizou-se uma imagem na qual toda população romana não passava de uma massa fútil, movida pelos prazeres profanos, parasita do Estado que deveria, portanto, ser tratada a pão e circo.

A partir destas constatações iniciais consideramos importante, ao longo da nossa pesquisa, discutir esta interpretação tão difundida na historiografia e procurar analisar os espetáculos dentro de uma perspectiva cultural. Thomas Wiedemann, por exemplo, possui um trabalho interessante sobre os gladiadores e a discussão de seus argumentos poderá nos fornecer algumas luzes acerca desta perspectiva de trabalho.

<sup>3</sup> De acordo com suas próprias palavras: *ofereciam-se prazeres aos concidadãos por civismo e edifícios à cidade por ostentação; essas são as duas raízes do evergetismo, que confundem, elas também, o homem público e o homem privado.* (VEYNE, 1990, p.117).

Ao lermos as primeiras páginas de *Emperors & Gladiators* (WIEDEMANN, 1995), percebemos que o principal objetivo do autor consiste em uma tentativa de explorar o significado da luta de gladiadores dentro das concepções romanas sobre sociedade, moralidade e morte. Entender as lutas seria um grande desafio pois, segundo o autor, durante muito tempo sua imagem foi distorcida e os romanos apresentados como pessoas sádicas que gostavam de assistir a homens se digladiando. Wiedemann questiona esta postura e acredita que os jogos eram uma das práticas que definiam o que era ser romano.

De acordo com seu argumento, as lutas representavam um exercício simbólico de poder, poder sobre o mundo natural, sobre a decisão da lei e sobre a possibilidade de excluir ou não uma pessoa definitivamente da sociedade, a arena era não só um local onde povo e imperador se encontravam (WIEDEMANN, 1995, p.177)<sup>4</sup>, mas também, um símbolo do mundo civilizado dominando as forças da Natureza.

Neste sentido, Wiedemann desenvolve uma explicação de como os romanos se identificavam e comportavam. Em seus escritos fica claro que havia alguns valores maiores, no caso, as atividades militares e a luta, que estavam presentes entre todas as pessoas, sem exceção. Por meio da análise desta concepção de identidade, podemos perceber que o autor, ao interpretar a sociedade romana, se utiliza de estratégias semelhantes: elabora um modelo normativo de cultura que procura explicar o funcionamento do cotidiano romano. Este modelo é construído a partir de oposições binárias, isto é, Wiedemann define o que é romano em oposição ao que é bárbaro e, da mesma forma, afirma que cidadãos possuem fama em oposição aos pobres (livres ou escravos) e aos criminosos, que seriam infames. Além disso, propõe que todos os excluídos desejavam voltar a ter fama e, sua única chance de reco-

nhecimento seria através das lutas na arena, dependendo do seu desempenho.

Em toda sua obra Wiedemann afirma que o gladiador é infame, isto é, uma pessoa socialmente morta que teria na luta a oportunidade de voltar a ter fama e conviver, novamente, entre aqueles que antes o excluía. Este reconhecimento poderia vir de duas formas, pela vitória ou derrota. Se vencesse, iria recuperando gradativamente sua fama e, no caso da derrota, poderia ser reconhecido através do perdão (desde que lutasse bravamente) ou teria morte rápida, pela espada, direito concedido apenas aos cidadãos.

O poder de decisão sobre a conduta do gladiador na arena era, segundo Wiedemann, do povo que assistia. Assim, o veredicto final era dado pelo público por meio do conceito de *uirtus*. Este conceito, de grande importância entre os membros da elite, é estendido a toda população e reduzido a coragem; aquele que demonstrasse ser digno sobreviveria e voltaria a ser reconhecido na sociedade que antes o expulsara. De acordo com este pensamento é possível afirmar que, não só o criminoso teria internalizado o valor da elite (vontade de lutar bravamente para voltar a ser reconhecido), como também todos os que assistissem aos espetáculos pois, seu critério de julgamento é fundamentado em conceitos presentes entre os membros da elite.

Esta interpretação traz novos elementos para a discussão quando comparada às que nos referimos no início: Wiedemann, utilizando uma ampla documentação que inclui textos e cultura material, procura explicar o fenômeno das lutas como social e cultural, isto é, como parte da identidade romana. No entanto, embora esta análise seja muito coesa, bem estruturada e tente dar conta de um vasto período histórico, não menciona o caráter discursivo das fontes.

Assim, este autor trabalha a documentação de uma maneira na qual a cultura material serve somente para

<sup>4</sup> A arena era um local em que se testavam poderes: “*Em termos de relacionamento entre imperador e povo, o anfiteatro era tão importante quanto o circo ao dar aos imperadores (e, em menor grau, ao povo) oportunidades de testar os limites de seus poderes.*” (WIEDEMANN, 1995, p.177).

comprovar os textos e não considera as especificidades de cada uma. Em outras palavras, sua preocupação centra-se na busca pela regularidade, ordenação e estabilidade, como se todos os romanos pobres e marginalizados não possuíssem vontade própria e fossem uma massa homogênea, facilmente controlada ou excluída. Desta maneira, apesar da diversidade de fontes empregadas nas análises, as interpretações retomam as concepções tradicionais apresentadas anteriormente na medida em que expressa uma tendência a silenciar o diferente e tornar o singular uno e contínuo.

### Notas conclusivas

Ao destacarmos os trabalhos de Carcopino, Grimal, Veyne e Wiedemann, procuramos ressaltar alguns elementos com os quais estamos dialogando em nossa tese de doutorado. Neste sentido, a partir das considerações apontadas procuramos estabelecer, de maneira resumida, as diretrizes da pesquisa que vem sendo desenvolvida: concordamos com o argumento de Wood que é necessário repensar conceitos tradicionais, em nosso caso específico a idéia das camadas populares romanas como uma massa ociosa dependente do *pão e circo*, e propomos um trabalho interdisciplinar entre a História Cultural e Arqueologia Clássica.

Neste contexto, acreditamos que um estudo crítico do conceito do *pão e circo*, tendo como eixo central a questão das lutas de gladiadores e o papel que tais espetáculos possuíam na cultura popular e no cotidiano romano, seria muito produtivo. Em outras palavras, a proposta é analisar este aspecto singular da sociedade romana a partir de um estudo dos vestígios materiais e dos textos sob uma perspectiva

diferente da proposta apresentada por Wiedemann: ao invés de utilizar a cultura material para comprovar textos, propomos trabalhar cada fonte em seu contexto para tentarmos conseguir novas descrições dos sujeitos e das práticas em questão. Acreditamos que desvincular vestígios materiais da tarefa de comprovar textos é, portanto, um caminho alternativo para construir novas interpretações sobre o cotidiano dos romanos de origem humilde e de suas relações com o seus gladiadores preferidos.

### Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao professor Pedro Paulo Funari (IFCH/Unicamp) pela orientação do trabalho e aos colegas Glaydson José da Silva, Lourdes Feitosa e Luciane Omena, pela leitura dos originais e pelas discussões por ocasião da elaboração de nossa Comunicação no Congresso da SBEC, enfatizando que a responsabilidade pelas idéias restringe-se somente à autora.

### Referências

- CARCOPINO, J. *Roma no apogeu do Império*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GRIMAL, P. *A vida em Roma na Antigüidade*. Portugal: Publicações Europa-América, 1981.
- VEYNE, P. *Le Pain et le cirque: sociologie historique d'un pluralisme politique*. Paris: Seuil, 1976.
- VEYNE, P. O Império Romano. In: DUBY, G.; ARIÈS, P. *História da vida privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. v.1, p.19-223.
- WIEDEMANN, T. *Emperors & Gladiators*. Londres: Routledge, 1995.
- WOOD, E.M. *Peasant, citizen & slave: the foundation of Athenian democracy*, Verso. Londres, 1988.